



fato, começado. Tenho problemas em ler situações. Sei, modéstia parte, ler romances quixotescos, receitas de bolo à Maria Braga e outras futilidades que julgo necessárias. Mas uma coisa não sei: ler situações, sobretudo, quando essas estão envoltas em áurea de afetos. O afeto parece ser a miopia do peito enamorado. Hoje estou sob os encantos dela. E amanhã, como vai ser? O enamoramento do/no mundo real, em tempos que evaporam permite que, em meio a tanta mobilidade (virtual e) afetiva, a gente possa se apegar a alguém? O que torna o outro atraente a mim? Onde se encontra o neurotransmissor do afeto? Não sei, se sei, não quero saber, prefiro “a ignorância que, por sinal, é uma bênção” (Karnal). Esses últimos dias de intensas trocas me fazem pensar o(s) limite(s) da afeição. Amadurecer requer esse esforço: o exercício de conviver com a possibilidade da perda. Pois o “encanto do pássaro encantado consiste justamente nisso: não ser cativo de ninguém” (Rubem Alves). Mas cativando os corações onde pousa, torna-os escravos de seus encantos. A perda, ao fim do crepúsculo, traz sabedoria. Nas palavras de Hegel: “a Coruja de Minerva levanta vôo somente ao entardecer”. Esse fim de tarde, o outono da vida (Rubem Alves) e das relações, talvez, aponta para aquilo que temos de maior medo: o fim! Não sei se o fim é o FIM! Prefiro vê-lo como um possível (re)começo com possibilidades outras, diferente daquilo do que estava no script. Aqui, o entardecer da noite é a madrugada que avança, que se inclina para o início de um novo dia. As trevas da noite invadem meu quarto, sorratamente, vão se acomodando no porão do meu peito, pedem descanso, querem um coração pra deitar. Deitar fora toda a alegria desses dias, deitar fora a razão de ser das conversas simpáticas travadas ao telefone. Não as permito que entrem. Insistem. Batem. Vão arrombar as fechaduras, gritam de fora! Quebram travas, desfazem cordialmente a guarda de meu cordis. A batalha, se perdida hoje, será decidida nos próximos dias.

Continua...